

Mundo velho sem porteira: Viagens de Garrett e Verissimo na terra portuguesa

Old world without gates: Garrett and Verissimo's travels in portuguese land

Carla Luciane Klôs Schöninger

URI – Frederico Westphalen – Rio Grande do Sul – Brasil



Resumo: Este estudo aproxima dois textos que articulam relações com a temática de viagem nas terras portuguesas: a obra literária de Almeida Garrett, *Viagens na minha terra*, e o fragmento do livro *Solo de clarineta II: memórias* – “Mundo velho sem porteira!” de Erico Verissimo. Por apresentarem hibridismo de gêneros, ambos os textos apresentam em suas constituições várias possibilidades de investigação. Propõe-se um estudo analítico dos aspectos políticos, geográficos, históricos, antropológicos e literários que se encontram relacionadas às produções dos autores. Este enfoque analítico considera a diferenciação elementar dos usos da memória, na consideração da rememoração como artifício para a produção literária e da memória como reconstituição. Por transitar em discurso predominantemente ficcional, Garrett, em vários momentos, comunica indiretamente ao leitor, através dos personagens, tanto suas emoções quanto a situação de Portugal. Já Erico Verissimo realiza uma reconstrução psíquica de seu passado, transmitindo de maneira direta ao leitor seu ponto de vista sobre os lugares, pessoas e sentimentos, num processo de evocação do real. Assim, o memorialista brasileiro e o romancista português tratam de maneira subjetiva as diferentes percepções dos elementos antropológicos, geográficos, literários, históricos e políticos contemplados em seus mundos narrativos.

Palavras-chave: Viagens; Memorialismo; Ficção

Abstract: This study brings near two texts that articulate relations with the travel theme in the Portuguese lands: the literary work of Almeida Garrett, *Viagens na minha terra*, and the fragment of the book *Solo de clarineta II: memórias* – “Mundo velho sem porteira!” of Erico Verissimo. Because of the inclusion of hybridism of genders, both texts present in his constitutions several means of investigation. There is proposed an analytical study of the political, geographical, historical, anthropological and literary aspects that are relation with the productions of the authors. This analytical approach considers the elementary differentiation of the uses of the memory, in the consideration of the memory like stratagem for the literary production and of the memory like reconstitution. Because of going in speech predominantly fictional, Garrett, at several moments, informs indirectly to the reader, through the characters, so much his emotions as for situation of Portugal. Erico Verissimo carries out a psychological reconstruction of his past, bringing in straight way to the reader his point of view on the places, people and feelings, in a process the reality evocation. So, the Brazilian memorialist and the Portuguese novelist treat in a subjective way the different perceptions of the anthropological, geographical, literary, historical and politicians elements contemplated in their narrative worlds.

Keywords: Travels; Memorialism; Fiction

O encadeamento deste estudo aproxima dois textos que articulam relações com a temática de viagem nas terras portuguesas: a obra literária de Almeida Garrett, *Viagens na minha terra*,¹ e o fragmento do livro *Solo de clarineta II: memórias* – “Mundo velho sem porteira!”² Ambos apresentam em suas constituições textuais várias possibilidades de investigação. A partir da diferenciação elementar dos usos da memória (memória como artifício de produção literária e memória como reconstituição),

propõe-se um estudo analítico dos aspectos históricos, políticos, literários e antropológicos que se encontram relacionados às produções dos autores.

¹ GARRETT, Almeida. *Viagens na minha terra*. São Paulo: Martin Claret, 2008.

² VERISSIMO, Erico. Mundo velho sem porteira. In: VERISSIMO, Erico. *Solo de clarineta: memórias*. São Paulo: Globo, 1997. p. 74-253. A segunda parte dessa obra foi organizada por Flavio Loureiro Chaves a partir de anotações e transcrições do próprio Erico.

Tanto “Mundo Velho sem porteira” quanto *Viagens na minha terra* abordam uma viagem a Portugal. Cada autor detém-se nas devidas peculiaridades que convêm à produção literária desejada. Em épocas distintas, Erico Verissimo e Almeida Garrett conseguiram expor sua visão sobre a terra portuguesa, detectando maravilhas e decadências. A obra romanesca de Garrett foi pontuada como aquela que impulsionou a moderna prosa literária portuguesa. A difícil classificação da obra numa determinada escola literária se deve ao fato de ser um texto munido de vários estilos e gêneros.

Da mesma forma, ao verificar a composição narrativa de Erico Verissimo, no livro *Solo de Clarineta II: memórias e, especialmente o fragmento “Mundo Velho sem Porteira!”*, observa-se o hibridismo de gêneros que constitui a referida obra do escritor brasileiro. Ao priorizar as estratégias do relato memorialístico em sua produção, o autor aborda um momento de sua vida – uma viagem à Portugal. A essa experiência viva da memória, Verissimo inclui vários elementos que podem ser facilmente identificados.

Em *Viagens na minha terra*, Almeida Garrett narra seu trajeto de Lisboa a Santarém, em 1823, acompanhado de alguns amigos: “Tenho visto alguma coisa do mundo e apontado alguma coisa do que vi. De todas quantas viagens, porém, fiz, as que mais me interessaram sempre foram as viagens na minha terra”.³ O autor faz uma combinação entre a estética romântica e o relato das viagens, sobre as quais declara serem “típicas, simbólicas e míticas”.⁴

Em meio ao relato de sua viagem pelas terras portuguesas, Garrett desencadeia o drama sentimental envolvendo os personagens ficcionais: Frei Dinis, Dona Francisca, Carlos e Joaquina, “a menina dos rouxinóis”, “E caiu nos braços dela: e abraçaram-se num longo, longo abraço – com um longo e interminável beijo... longo... longo, longo, e interminável como um primeiro beijo de amantes”.⁵ Esse romance é escrito a partir do capítulo X, sendo que o desfecho do caso amoroso se dá nos últimos capítulos, em que a narrativa da viagem se junta à romanesca.

As reflexões sobre a sociedade portuguesa, que aí constam, envolvem diversos temas em forma de relato, carta e novela. Relato sobre os locais que Garrett passou; carta: de Carlos (em Évora) para Joaquina (em Santarém) e novela: ao tratar do romance dos primos. Através desses gêneros, Garrett envolve aspectos: a) históricos, ao retratar a guerra civil; b) políticos, ao criticar o governo e defender o liberalismo. Além disso, faz inúmeras menções de autores e obras literárias, como: *D. Quixote* de Cervantes, *Mistérios de Paris* de Eugênio Sue, *Iliada* de Homero, *A Divina Comédia* de Dante Alighieri e *Os Lusíadas* de Camões.

Na estrutura narrativa, Garrett utiliza-se da síntese como meio de situar o leitor, adiantando-lhe o que se procederá no decorrer do capítulo. Já no início de seu livro aponta traços que marcarão sua narrativa: “Trata-se de um romance, de um drama. Cuidas que vamos estudar a história, a natureza, os monumentos, as pinturas, os sepulcros, os edifícios, as memórias da época?”⁶

Em “Mundo velho sem porteira!”, Erico Verissimo relata sua viagem, desde o Brasil a Portugal, no ano de 1959, juntamente com a esposa Mafalda e o filho Luís Fernando Verissimo. Nesse país, viaja pelas principais cidades históricas, analisando a fisionomia das cidades, na tentativa de compreender o tempo presente da nação portuguesa a partir de seu passado. O escritor utiliza-se de artifícios da memória⁷ para compor sua narrativa, intercalando a seus relatos, o passado dos lugares, os conhecimentos adquiridos por intermédio de estudos, da leitura e da tradição popular.

Durante sua permanência em Portugal e através do processo de rememoração, Erico enfatiza as belezas dos locais por onde passou. As sensações tidas no passado passam a estar presentes no tempo da escritura. Observa-se isso na descrição de seus sentimentos: “O céu estava azul e eu me sentia azul por dentro. É que a paisagem, os ares, o povo e as povoadas de Portugal possuem o condão de liberar em nós sentimentos de ternura lírica e bucólica”.⁸

Com o olhar do visitante, o escritor admira alguns monumentos e lugares: “Guardo dessa visita aos dois Alentejos e ao Algarve a melhor das recordações, tanto de pessoas como de lugares e momentos”⁹ e critica outros, declarando não corresponderem a suas expectativas: “Chegamos a Alcobaça e nosso carro de detém à frente da entrada principal da igreja do famosos mosteiro. Não posso esconder meu desapontamento. Não vejo nessa fachada sua esperada beleza[...].¹⁰ Verissimo passa por várias cidades: Lisboa, Sintra, Évora, Sagres, Lagos, Coimbra, Leiria, dentre outras. Cada lugar é descrito minuciosamente ao leitor e, nas descrições, o narrador inclui aspectos históricos, políticos literários e antropológicos.

Destaca-se do texto um exemplo de informação histórica: “nesta planície de Aljubarrota, que em 1385,

³ GARRETT, Almeida. *Viagens na minha terra*. São Paulo: Martin Claret, 2008. p. 251.

⁴ *Ibid.* p. 18.

⁵ GARRETT, 2008, p. 118.

⁶ GARRETT, 2008. p. 34.

⁷ Memória como uma reconstrução psíquica e intelectual, porém seletiva do passado, de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional [...] Seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do tempo e permitir a alteridade às rupturas, que são o destino de toda vida humana; em suma, ela constitui um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros. (Bosi, 2002, p. 55).

⁸ VERISSIMO, 1997, p. 105.

⁹ *Ibid.* p. 201.

¹⁰ *Ibid.* p. 111.

auxiliado pelo seu bravo capitão Num'Alvares Pereira e alguns cavaleiros e soldados ingleses, D. João I comandou seus seis mil soldados, enfrentando em batalha campal um exército castelhano invasor, forte de seis mil homens".¹¹ Em referência à literatura, observa-se a intertextualidade com *Os Lusíadas* de Camões no momento em que Erico profere uma conferência: "O velho coração portava-se bem, procurando tornar-se, pelo menos paradisticamente, digno das armas e dos barões assinalados que da ocidental praia lusitana, por mares nunca dantes navegados".¹²

Verissimo ainda contempla múltiplos dados acerca das cidades, no que se relaciona a obra e a escritores portugueses, como quando estava em Leiria, comenta sobre *O Crime do Padre Amaro* de Eça de Queirós: "Estou vendo a cena, pois li esse romance mais de cinco vezes, em diversas épocas da minha vida [...] pela descrição do romancista, podemos deduzir que esta era a casa de Amelinha onde o Padre Amaro hospedou-se".¹³ Outras referências também são perceptíveis, a exemplo de: "Parece geralmente aceita entre psicólogos e filósofos a ideia de que o ser humano não é um produto acabado, mas um processo transitivo, um contínuo devir".¹⁴

O escritor demonstra um desapontamento nos momentos que, em meio a suas conferências pelo país, ouve a voz do povo que vivencia o regime ditatorial fascista de Oliveira Salazar, já durando 31 anos: "Era difícil aceitar que os descendentes dos vencedores de Aljubarrota e dos navegadores que descobriram novos mundos pudessem estar agora submetidos a uma ditadura tão tristemente castradora".¹⁵ Seu posicionamento político é claramente evidenciado: "Estou intrigado. A esta altura de minha permanência em Portugal o governo deve saber muito bem qual é minha posição perante o regime político que vigora no país. Tenho sido bastante explícito em todas as conferências que até agora fiz".¹⁶

Nas duas obras em análise, é possível verificar aspectos da Literatura de Viagens, gênero que se caracteriza por incluir em seu discurso inúmeros elementos históricos, geográficos, políticos, antropológicos e literários. As narrativas seguem a uma escritura memorialista, envolvendo distintamente o relato dos fatos vivenciados pelos autores na terra portuguesa, em tempos diferenciados.

Erico Verissimo, ao principiar sua obra memorialística, apresenta o objetivo da viagem: "Na minha opinião, existem duas categorias principais de viajantes; os que viajam para fugir e os que viajam para buscar. Considero-me membro deste segundo grupo".¹⁷ Em correspondência aos estudos de Fernando Cristóvão considera-se a narrativa de Verissimo na tipologia de uma viagem erudita, de formação e de serviço, em que há uma ligação com a Literatura de viagens não só pelo fato dos textos serem construídos em torno da viagem,

mas também por compartilharem do clima cultural, da cronologia do fenômeno comunicativo, aspectos típicos deste tipo de literatura. Nesse perspectiva, estas espécies revelam

de um alto grau de espírito humanístico, da procura do saber, de integração nos gostos dos leitores. São viagens em que a aquisição de conhecimentos é a preocupação maior, quer se trate de conhecimentos científicos, ou de cultura geral, capazes de evocarem novas ideias e hipóteses.¹⁸

Erico faz um registro de uma parte de sua história de vida, retrata situações particulares, sociais e culturais a partir de sua viagem a Portugal. Ele fala de si, das pessoas e lugares que conheceu num sistema político-social, utilizando-se de elementos que caracterizam a Literatura de Viagens, conjunto

que se mantém vivo do século XV ao final do século XIX, cujos textos, de caráter composto, entrecruzam Literatura com História e Antropologia, indo buscar à viagem real ou imaginária (por mar, terra e ar) temas, motivos e forma. E não só viagem enquanto deslocamento, percurso mais ou menos longo, também ao que, por ocasião da viagem pareceu digno de registro: a descrição da terra, fauna, flora, minerais, usos, costumes, crenças e formas de organização dos povos, comércio, organização militar, ciências e artes, bem como os seus enquadramentos antropológicos, históricos e sociais, segundo a mentalidade predominantemente renascentista, moderna e cristã.¹⁹

Reitera-se que o fragmento "Mundo velho sem porteira!" enquadra-se na Literatura de Viagens nas palavras do próprio Erico.

Ao cabo de mais de quatro decênios de exercício da literatura vou descobrindo, mais lenta e relutantemente do que devia, a inabilidade de certas descrições, a inutilidade de fazer retratos humanos verbais, pintar paisagem com prática, mas que não têm quase nenhum valor objetivo para o leitor. Reconheço, no entanto, que reincido a cada passo nesse vício, e que para tais brinquedos verbais é mesmo a narrativa de viagem.²⁰

¹¹ VERISSIMO, 1997, p. 121.

¹² VERISSIMO, 1997, p. 93.

¹³ Ibid. p. 124.

¹⁴ VERISSIMO, 1997, p. 110.

¹⁵ Ibid. p. 238.

¹⁶ Ibid. p. 207.

¹⁷ VERISSIMO, 1997, p. 75.

¹⁸ CRISTÓVÃO, Fernando. Para uma teoria da literatura de viagens. In: CRISTÓVÃO, F (Org.) *Condicionantes culturais da literatura de viagens*. Coimbra: Almeida, 2002. p. 13-52. p. 49.

¹⁹ Ibid. p. 35.

²⁰ VERISSIMO, 1997, p. 167-168.

Já *Viagens na minha terra*, prevalece o estilo romanesco, apesar de toda a trama ser desencadeada a partir da viagem que Almeida Garret faz em sua terra. Assim, diferentemente de “Mundo velho sem porteira”, *Viagens na minha terra* desenvolve o tema da viagem dentro de um texto que o afirma como ficcional: “Trata-se de um romance, de um drama”.²¹

De acordo com Fernando Cristóvão: “Literatura de Viagens não se distingue de viagem na literatura só pela diferença de estatuto genológico, mas também pelo seu relacionamento com o referente”.²² Assim, nas duas composições narrativas, a categoria da memória tem valor excepcional, mas o enfoque é dado de maneira diferenciada. Em “Mundo velho sem porteira!”, Erico se refere à memória como reconstituição:

Estou recordando essa festa na embaixada do Brasil quinze anos após [...] ajudado pela memória consciente – colaboradora e prestimosa, mas limitada – e pela inconsciente – informante, rica, mas, previsível e caprichosa – e também por muitas fotografias.²³

Na atribuição da lembrança de um fato da vida, ocorre o processo de reconstrução do passado numa representação da verdade, pois “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”.²⁴

No relato de memórias de Erico Verissimo, nota-se a escritura carregada de emoção em que ressalta conteúdos sociais, familiares e valores. O próprio escritor declara: “O perigo das memórias está no fato que com raras exceções, o memorialista, como a maioria dos homens, tem um grande apreço, amor e admiração pelo seu próprio eu”.²⁵ Ao envolver estas evocações do passado, o narrador preocupa-se com o interesse e as expectativas do leitor.

Loiva Otero Félix destaca que a memória constitui um ato de “recuperar mentalmente a imagem”,²⁶ referindo-se apenas a uma evocação do real que se dá através de imagens mentais, “pois o passado enquanto tal não volta. Ele retorna apenas na lembrança”.²⁷

Almeida Garret, na produção literária em estudo associa elementos autobiográficos aos ficcionais, articulando dois planos: da experiência e da criação. O substrato memorialista põe-se em evidência, na consideração de que

no âmbito literário, o ato de recordar jamais recupera a coisa-em-si, reconstituindo-a em sua dimensão original: antes, o passado revelado é outro, diferente do dado factual, pela ação do presente, do olhar de uma sujeito, já de outro, à custa da mediação da linguagem, que encerra e desvela ecos e indícios daquele outro tempo, daquele, outro eu. Em se tratando do discurso literário, a imaginação incumbe-se de preencher as

lacunas da memória, estabelecer e recriar os linhares erigir o sentido, em se fazendo linguagem. Nestes termos recobre-se a ambição essencial do fazer literário: a posse do mundo em e através da linguagem, produção do universo de palavras, a dar voz a matéria silente, para marcar a sua mais efetiva realidade.²⁸

Garrett utilizou-se do substrato da memória para a elaboração do texto romanesco. Nessa ótica, há fronteiras “reais” suscitadas no interior da narrativa ficcional, caráter que se revela na

capacidade de reinscrever o passado no presente por um discurso que se substitui ao acontecido, ocupando o seu lugar, numa operação imaginária que tanto envolve as funções de “representância” quanto de atribuição de significado [...] nesse encadeamento de reflexões que o texto comporta, atenuam-se as diferenças entre o real e o não-real e ressalta-se a força do imaginário de um “efeito” de realidade mobilizador.²⁹

Ao compor sua narrativa com substratos reais o escritor português traz a seu romance um efeito de realidade. Também se refere à memória coletiva, apontando que os fatos episódicos do passado permanecem vivos na contemporaneidade devido à lembrança do povo. Através de seu narrador, utiliza-se de um questionamento para enfatizar sua ideia: “as circunstâncias, para assim dizer, episódicas de um grande feito sabido e provado, quem as conservará, se não forem os poetas, as tradições, e o grande poeta de todos, o grande guardador de tradições, o povo?”³⁰

Garrett utiliza-se das lembranças da viagem que fizera em sua terra para saudar, segundo ele, o mais histórico e monumental dos lugares de Portugal: Santarém. Sua descrição inicial abrange um sentimento de orgulho do local: “O vale de Santarém é um dos lugares privilegiados pela natureza [...] tudo está numa harmonia suavíssima

²¹ VERISSIMO, 1997, p. 34.

²² CRISTÓVÃO, 1999, p. 15.

²³ CRISTÓVÃO, 1999, p. 84.

²⁴ BOSI, Ecléia. A dimensão coletiva da memória. In: TEDESCO, João Carlos (Org.). *Usos de memórias* (política, educação e identidade). Passo Fundo: Editora da UPF, 2002. p. 55.

²⁵ VERISSIMO, 1997, p. 235.

²⁶ FÉLIX, Loiva Otero. A explosão do tema da memória. *Moda?* In: TEDESCO, João Carlos (Org.). *Usos de memórias* (política, educação e identidade). Passo Fundo: Editora da UPF, 2002. p. 23.

²⁷ *Ibid.* p. 23.

²⁸ BRITO, Maria de Fátima Ribeiro Souza. Memorialismo e ficcionalismo na moderna literatura portuguesa: a propósito de uma carta inédita de Vitorino Nemésio. In: XIV ENCONTRO DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS DE LITERATURA PORTUGUESA – literatos de língua portuguesa e renovação do discurso literário, 1994, Porto Alegre. *Anais*. 03 a 07 ago. 1992. p. 526-533. p. 530.

²⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. A narrativa pendular: as fronteiras simbólicas as história e da literatura. In: PESAVENTO, S. (Org.). *Erico Verissimo: o romance da história*. São Paulo: Nova Alexandria, 2001. p. 42.

³⁰ GARRETT, 2008, p. 194.

e perfeita”.³¹ Ao pensamento inicial, contrapõe outra imagem, no final da narrativa: “Estou deveras fatigado de Santarém; vou-me embora [...] confesso que, recordando as fatalidades daquela família e daquele dia, não gostei de voltar nele, ao vale de Santarém”.³²

No decorrer do texto, “quanto mais o narrador penetra no interior do país, maiores são as ruínas que encontra”.³³ Os monumentos que antes eram símbolos nacionais do povo lusitano, são representados por imagens e cenas de destruição: “Tudo estava feio e torpe; tudo era ruína, desolação e morte em torno da casa do vale, agora transformada em quartel e reduto militar”.³⁴ Também as construções são descritas: também põe em referência as construções “Palácios, conventos, igrejas ocupam gravemente e tristemente os seus antigos lugares [...] E tudo deserto, tudo silencioso, mudo, morto”.³⁵

Garrett narra sua decepção por encontrar em estado lamentável os lugares que marcaram a memória histórica e as glórias de Portugal. Vivendo num contexto absolutista, cria o personagem Carlos como representação da defesa ao liberalismo. No retorno a Santarém, o narrador se depara com destroços, um período de lutas internas entre Dom Miguel e Dom Pedro pela posse do trono português. Com o fim da guerra civil, Carlos se desilude. A obra literária termina criticando as atitudes governamentais: “Que tenha o governo juízo; que as faça de pedra, que pode; e viajaremos, com muito prazer e com muita utilidade e proveito na nossa boa terra”.³⁶

Erico Verissimo descreve sua viagem em família, o turismo pelos centros históricos e literários portugueses, descrevendo minuciosamente o que sabe sobre os lugares visitados. O discurso memorialístico deixa bem clara sua oposição à ditadura de Portugal.

Apesar de criticar a má conservação de alguns dos patrimônios históricos e culturais, enfatiza a grandiosidade do povo e as glórias que compõem o passado português. O escritor retorna ao Brasil extremamente desapontado, pois encontra um povo oprimido, gritando por liberdade.

Por sua vez, o final do romance de Garrett se dá de modo trágico: Carlos abandona Joaninha. O mesmo sentimento de angústia e tristeza que identifica a ruína de Joaninha se dá no narrador ao perceber a destruição em que seu país se encontra depois de uma guerra devastadora. Dessa forma, o romancista português intercala a ficção à história e à memória.

Na relação entre as duas obras em análise destacam-se os diferentes enfoques dos autores ao tratarem de suas viagens às terras portuguesas. Como que num suave “solo de clarineta”, Erico narra suas memórias, entre as quais inclui o relato identificado como Literatura de Viagens. A evocação reconstitui o próprio passado, evocar o real, permite-lhe a transmissão de seus pensamentos, reflexões e sentimentos.

Por transitar em discurso predominantemente ficcional, Garrett, em vários momentos, comunica indiretamente ao leitor, através dos personagens, tanto suas emoções quanto a situação de Portugal. Assim, o memorialista brasileiro e o romancista português tratam de maneira subjetiva as diferentes percepções dos elementos antropológicos, geográficos, literários, históricos e políticos contemplados em seus mundos narrativos. Os autores conduzem o leitor em uma viagem imaginária carregada de cultura e emoção, numa demonstração de que não há limites para o fazer textual.

Referências

BOSI, Ecléia. A dimensão coletiva da memória. In: TEDESCO, João Carlos (Org.). *Usos de memórias* (política, educação e identidade). Passo Fundo: Editora da UPF, 2002.

BRITO, Maria de Fátima Ribeiro Souza. Memorialismo e ficcionalismo na moderna literatura portuguesa: a propósito de uma carta inédita de Vitorino Nemésio. In: XIV ENCONTRO DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS DE LITERATURA PORTUGUESA – literatos de língua portuguesa e renovação do discurso literário, 1994, Porto Alegre. *Anais*. 03 a 07 ago.1992. p. 526-533.

CRISTÓVÃO, Fernando (Org.). Para uma teoria da literatura de viagens. In: CRISTÓVÃO, F. *Condicionantes culturais da literatura de viagens*. Coimbra: Almeida, 2002. p. 13-52. p. 49.

FÉLIX, Loiva Otero. Política, memória e esquecimento. In: TEDESCO, João Carlos (Org.). *Usos de memórias* (política, educação e identidade). Passo Fundo: Editora da UPF, 2002.

GARRETT, Almeida. *Viagens na minha terra*. São Paulo: Martin Claret, 2008.

HEMILEWSKI, Ada Maria. Mar, terra em Camões, Garret e Machado. *Revista Língua e literatura*, Frederico Westphalen: Editora da URI, v. 6-7, n. 10-11, p. 225-229, 2004-2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. A narrativa pendular: as fronteiras simbólicas as história e da literatura. In: PESAVENTO, S. (Org.). *Erico Verissimo: o romance da história*. São Paulo: Nova Alexandria, 2001. p. 41-51.

Verissimo, Erico. Mundo velho sem porteira. 10. ed. In: Verissimo, Erico. *Solo de clarineta II: memórias*. São Paulo: Globo, 1997. p.74-253.

Recebido: 19 de abril de 2012
Aprovado: 24 de setembro de 2012
Contato: carla.luciane@yahoo.com.br

³¹ Ibid. p. 64.

³² GARRETT, 2008, p. 224-225.

³³ HEMILEWSKI, Ada Maria. Mar, terra em Camões, Garret e Machado. *Língua e literatura*, v. 6 e 7, n. 10/11. Frederico Westphalen: Editora da URI, 2004-2005. p. 226.

³⁴ GARRETT, 2008, p. 64.

³⁵ Ibid. p. 151

³⁶ GARRETT, 2008, p. 252.